

GILBERTO FREYRE E O FUTEBOL: ENTRE PROCESSOS SOCIAIS GERAIS E BIOGRAFIAS INDIVIDUAIS¹

Introdução

É comum encontrarmos, na obra de Gilberto Freyre a descrição e análise de um fenômeno de ordem macrosociológica intercalado por referências a pessoas concretas de carne-e-osso², pessoas estas que exemplificariam, ou antes, demonstrariam a existência do fenômeno sob análise. As biografias de tais pessoas, que Freyre invoca constantemente, seriam suficientes para evidenciar a concretude do fenômeno macrosocial referido. Considere-se, como ilustração disto, o fenômeno da “ascensão do bacharel e do mulato”. Para provar sua tese, Freyre recorre a diversos personagens de nossa história – sendo Gonçalves Dias, o famoso poeta romântico, o seu exemplo mais consistente – e faz referência a episódios de suas vidas que ilustrariam o fenômeno social mais geral. Esta operação teórico-metodológica também aparece nas análises que Freyre fez do futebol jogado no Brasil.

É com relação a estes escritos – compostos de alguns artigos de jornais, o famoso prefácio à obra de Rodrigues Filho (2003) e passagens esparsas em algumas de suas obras mais famosas – que analisamos

JORGE VENTURA DE MORAIS*

JOSÉ LUIZ RATTON JÚNIOR**

RESUMO

Este artigo analisa, a partir dos escritos de Gilberto Freyre sobre o futebol, a articulação metodológica entre trajetórias individuais de grandes jogadores (Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Pelé e Garrincha) com processos sociais mais amplos: a ascensão do negro na sociedade brasileira através do futebol e as relações entre as culturas nacionais e as distintas formas de praticar o futebol.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, futebol, trajetórias individuais, processos sociais.

ABSTRACT

Based on Gilberto Freyre discussing about football, this article analyses methodological articulation between individual pathways of major players (Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Pelé and Garrincha) with wider social processes: the rise of Black people in society through football and the relations between national cultures and different ways to practice football.

Keywords: Gilberto Freyre, football, individual pathways, social process.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol/Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

sua concepção sociológica a respeito dos atores sociais, bem como a articulação do nível da microagência com os processos macrosociais mais amplos. Examinamos também os problemas teóricos e metodológicos envolvidos nessa operação de redução dos processos macrosociais ao âmbito microsocial, assim como o problema reverso que é o da agregação de biografias diversas a um fenômeno macrosociológico³.

Dessa forma, como em mais de uma obra Freyre lança mão de exemplos extraídos de percursos individuais para ilustrar a configuração e a dinâmica de um determinado fenômeno social, podemos delinear o foco deste trabalho: investigar a construção dos tipos e das trajetórias de vida individuais, sua relação com os processos macrosociológicos e os problemas de redução e agregação na obra de Gilberto Freyre, no que se refere aos seus escritos sobre o futebol.

1. O problema agência-estrutura, as ligações micro-macro e a obra de Gilberto Freyre

Pode-se afirmar que o tema da relação agência-estrutura é um problema central das ciências sociais,

especialmente da sociologia. Com efeito, a forma de entender a relação entre esses dois pólos tem preocupado várias gerações de pensadores na sociologia, desde os clássicos até a sociologia contemporânea.

Grosso modo, pode-se identificar duas posições: o coletivismo metodológico e o individualismo metodológico. No primeiro caso, apesar de os indivíduos serem os “portadores” da ação, a eles se atribui pouca importância analítica, uma vez que grupos, classes e instituições representam a concretude dos fenômenos sociais, estes sim merecedores da atenção dos sociólogos. Em contrapartida, no caso do individualismo metodológico, sem que isto signifique abraçar uma visão atomista, há a crença de que todos os fenômenos sociais, em princípio, podem ser reduzidos analiticamente à instância dos indivíduos.

Quanto a Gilberto Freyre, muitos argumentam que, por estar interessado no “homem concreto, de carne e osso”, sua análise sociológica mostraria uma “face” mais compreensiva, por dar atenção ao detalhe e à especificidade das vidas, das culturas, dos espaços geográficos etc. Há, neste tipo de argumento, a sugestão de que a sociologia de Freyre faria pouco uso de tipologias e classificações tendo em vista esse “lado mais humano” (cf. ALBUQUERQUE, 2000). Porém, embora o foco analítico deste trabalho sejam as relações entre processos sociais e seus componentes microsociológicos na obra de Gilberto Freyre, é também nosso objetivo chamar a atenção para o fato de que a análise que este autor faz dos atores sociais não está desprovida de categorizações e do uso de tipologias⁴.

É quase consenso apontar a família como a unidade analítica que percorre a obra de Gilberto Freyre, o que, aliás, o próprio autor afirma em muitos momentos, pois, nas palavras de Souza (2003, p. 70), “a família é a unidade básica, dada a distância do

Estado português e de suas instituições, da formação social brasileira”. Isto está admiravelmente posto em *Casa-Grande & Senzala* e em *Sobrados e Mucambos* (cf. ALBUQUERQUE, 2000, p. 46; SAMARA, 2003; SKIDMORE, 2003, p. 48). Por outro lado, é igualmente claro que os processos de institucionalização se dão por intermédio dos indivíduos, vistos por Freyre não somente como conformados por tal processo, mas também como portadores, no sentido de serem agentes ativos, dos costumes e dos valores, já que, segundo ele,

A pessoa humana, o homem social ou o socius se afirma não só conservador da herança cultural que lhe é comunicada pela geração anterior, como assimilador de culturas de outros grupos que entrem em contato com o seu, e, ainda – sendo maior sua potencialidade – um criador, pelo que acrescente, sozinho ou com poucos outros, à herança do seu grupo ou à cultura de seu tempo (FREYRE, 1957, p. 121; cf. também pp. 114, 119, 120, 122, 526, 631, 635 e 636, entre outras).⁵

Por isso, qualquer estudioso familiarizado com a obra de Gilberto Freyre sabe que a análise que ele faz da “história da sociedade patriarcal no Brasil” é fartamente ilustrada por trajetórias de vida de indivíduos, por assim dizer, concretos. Skidmore afirma que “*Casa-Grande & Senzala* não possuía uma história ou acontecimentos dramáticos, heróis ou vilões. Na verdade, havia poucos indivíduos identificáveis em suas seiscentas páginas” (2003, pp. 56-57). Contudo, se a sociologia histórica de Freyre não é uma narrativa de heróis⁶ e grandes feitos, um processo de exercício teórico-metodológico se inicia claramente em *Sobrados e Mucambos* e continua, de forma marcante, em *Ordem e Progresso* (cf. OLIVEIRA, 2003), no qual

as trajetórias de vida individuais ganham relevo na explicação de processos macrossociais. No dizer de um intérprete, Freyre

[...] articula o homem a sua situação e procura compreendê-lo a partir de suas vivências [...]. Capta nessas vivências inter-relações, interações, interferências, complementaridades, oposições, antagonismos, conflitos que escapam por entre os dedos de tantas disciplinas encarceradas (ALBUQUERQUE, 2000, p. 48).

Com efeito, na descrição e na análise da “decaência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano” – subtítulo de *Sobrados e Mucambos* –, ao considerar os fenômenos sociais e os diversos fatores ou variáveis envolvidos, Freyre procura constantemente ilustrá-los, recorrendo a passagens da vida de indivíduos que ele conheceu ou que tiveram uma vida intensa e publicamente ligada ao fenômeno analisado.

Nesta obra, o sociólogo pernambucano levanta a questão em termos puramente teórico-metodológicos, conforme se observa no trecho a seguir:

Para acompanharmos a degradação dos valores menos visíveis, característicos da poderosa instituição, é que necessitamos de estudá-la nas suas intimidades mais sutis e esquivas [...]. Elas precisam de ser estudadas em nós mesmos ou nos nossos avós – produtos e reflexos, ao mesmo tempo que animadores, e não apenas portadores, da instituição. Nas pessoas, e não apenas nas formas impessoais em que histórica e sociologicamente se objetivou ou materializou o patriarcado no Brasil (1951b, p. 46).

É nesse sentido que as trajetórias de vida, por exemplo, do Padre Ibiapina, do “velho” Félix Cavalcanti de Albuquerque Mello, de Joaquim

Nabuco, de Oliveira Lima, entre outros, aparecem constante e recorrentemente para ilustrar processos macrossociais impessoais, evidenciando a metodologia esboçada por Freyre na Introdução à segunda edição de *Sobrados e Mucambos*. A utilização de biografias aparece também na análise que Freyre faz, nesta mesma obra, da relação entre o pai e o filho.

Em relação ao livro *Ordem e Progresso*, esse processo torna-se mais evidente pela metodologia de “depoimentos pessoais” empregada por Freyre (1959a, pp. XIX-CLXIX, mais especialmente, pp. LXXXVI-CXVII; 1959b, p. XLIV).

É importante destacar que esse tipo de “história oral” (cf. FARIA, 1998, p. 145; OLIVEIRA, 2003, p. 141) não se refere somente a percepções dos atores sociais entrevistados acerca dos processos sociais por eles vividos, mas também – ou, talvez, principalmente – a suas trajetórias de vida, à moda de uma autobiografia, dado o nível de detalhamento do questionário proposto por Freyre. Tanto isso é verdade que alguns se recusaram delicadamente a responder ao questionário com o argumento de que, se o preenchessem, estariam antecipando as memórias que pretendiam publicar (cf. FREYRE, 1959a, p. XLIII). Para Freyre, a personalidade tem um componente coletivo, ou seja, o agente social expressa, além de suas características irredutivelmente individuais, a cultura, os costumes, os valores e a história da sociedade em que viveu. Nesse sentido, o autor afirma, por exemplo, que seus “apontamentos autobiográficos [são] menos referentes a Félix, indivíduo isolado..., [e mais] ao Cavalcanti, chefe de família patriarcal” (1959b, p. CVI, cf. também, 1968a, pp. 51ss.). A análise dos processos históricos de mudança social, segundo Freyre, passa necessariamente pela ação dos agentes sociais, e esta ação só pode ser capturada pelo método que ele denominou de empático⁷, o qual pode ser sintetizado,

nas palavras do autor:

(...) Daí, para a interpretação de uma época, não ser suficiente o analista dela, desdobrado em intérprete, familiarizar-se com o que no seu decorrer foram fatos; ou apenas valores-coisas. É preciso que ele se torne quanto possível íntimo das relações entre essas pessoas e esses valores; entre as pessoas e os valores imateriais; entre as pessoas e os símbolos mais característicos da época [...]. Daí ser-lhe necessário buscar penetrar a realidade social através do estudo direto de pessoas tomadas isoladamente (biografias) ou em interação com outras (biografias sociológicas) [...] (1959a, p. XXXII).

Assim, longe de fazer um mero exercício de admiração pelo biografado, Freyre dedicou parte razoável de sua obra intelectual à reconstrução das vidas de pessoas por ele consideradas chave para a compreensão de certos processos sociais pelos quais o Brasil passou ou cujas autobiografias ou simples anotações lhe pareceram de extrema importância para compreender os processos macrossociais⁸. Vale lembrar as obras – na verdade poderíamos chamá-las de extensas introduções – referentes a Vauthier (1960), Oliveira Lima (1968c), Félix Cavalcanti (1959b), Euclides da Cunha (1944), entre outros, no contexto de sua postura metodológica:

A pessoa social, ou humana, ou simplesmente pessoa, é o resultado de processos sociais e de cultura anteriores ao aparecimento do indivíduo e sobreviventes ao seu desenvolvimento individual ou puramente físico-químico e biológico no espaço e no tempo (FREYRE, 1957, p. 120).

Isto porque, em obra de cunho mais teórico, Freyre, seguindo Hadley Cantril, aceita a regra

teórico-metodológica segundo a qual,

Não será um simples esforço de empatia projetar-se um indivíduo de hoje nos motivos de ação e de comportamento de um indivíduo de área e época diversas da sua, mas um esforço em que a empatia precisará de ser acompanhada o mais possível de conhecimento dos antecedentes e valores de cultura que, na pessoa remota ou distante que se procure estudar sociologicamente – um Antônio Conselheiro, por exemplo – tenham se interiorizado se não no seu eu – o que tenderia a particularizar todo esforço de compreensão de tal pessoa em biografias – no seu ‘nós’ psicocultural e histórico-regional [...]. Seriam considerados, portanto, ao mesmo tempo, “instintos”, valores suscetíveis de interiorização e variação individual e normas do grupo ou da época inteira. Que todos formam o “nós” de um grupo ou figura de uma geração que não se avalie a si próprio – e aja dentro dessa auto-avaliação – tendo por ponto de referência as normas de sua sociedade particular ou de seu tempo (FREYRE, pp. 514-515).⁹

No entanto, talvez seja em uma obra relativamente desconhecida no Brasil, intitulada *Contribuição para uma sociologia da biografia* (1968a)¹⁰, que Freyre leva a cabo, a nosso ver, uma análise magistral – em meio aos floreios verbais de que tanto gostava – da interação entre biografia individual e processos macrossociais¹¹. Neste trabalho, o autor analisa a vida do capitão-general Luiz de Albuquerque, governador da província de Mato Grosso no fim do século XVII.

Luiz de Albuquerque, um nobre português, que, tendo se destacado na luta contra os espanhóis, foi enviado ao Brasil para administrar aquela inóspita província, que estava ameaçada pelas incursões dos espanhóis. Durante o seu governo, Luiz de

Albuquerque, além de obras notáveis de engenharia (por exemplo, a construção de fortes com materiais trazidos da Europa em barcas através de rios parca-mente navegáveis), também promoveu festas e saraus e recolheu vasto material sobre a fauna e a flora do Novo Mundo.

Para Freyre, este capitão-general representa um tipo sociológico por excelência do que ele chama homem luso-tropical. Freyre, então, vasculha as anotações – uma espécie de diário – deixadas por Luiz de Albuquerque. E o interessante é que antes de emprender a análise, Freyre abre o livro com uma epígrafe retirada de *A imaginação sociológica*, de C. Wright Mills: “a imaginação sociológica [...] nos permite compreender a história e a biografia, e as relações entre as duas dentro da sociedade”¹².

No entender de Freyre,

Com esse material [as anotações de Albuquerque], além de autobiográfico, histórico, supõe o Autor [Freyre] ter reunido, não só dessa fonte como de arquivos públicos [...], um conjunto de informes sociologicamente significativos que concorram para uma ‘autobiografia colectiva’, de tipo como que weberianamente ‘ideal’..., do homem português e, neste caso, transformado – ou em fase aguda de transformação, como foi a aventura de Luiz de Albuquerque em Mato Grosso – em homem luso-tropical (1968a, p. 29; cf. também p. 97).

No entanto, Freyre, além de falar em “tipo como que weberianamente ‘ideal’”, refere-se também a Luiz de Albuquerque como um tipo

[...] simbólico e, por conseguinte, como indivíduo que, pelos seus característicos de personalidade e pelos seus actos e seu comportamento durante o período de sua

existência mais historicamente significativo [...], contribuiu para a ampliação de uma autobiografia colectiva antes dele já em desenvolvimento: a da transformação, no espaço e no tempo, do homem apenas português em homem luso-tropical (FREYRE, 1968a, p. 49; cf. também pp. 53, 72-73).

Nesse sentido, Freyre considera ser Luiz de Albuquerque um tipo sociológico privilegiado para a análise do fenómeno macrossocial do luso-tropicalismo, pois que o capitão-general representava, ao mesmo tempo, um Albuquerque; um hispano ou ibérico; um português fidalgo, católico e – contradição – pombalino; um oficial-engenheiro do Exército português etc. (FREYRE, 1968a, p. 54). E acrescenta que o seu estudo deste oficial português

[...] pretende sugerir de Luiz que ele teria sido parte de um processo historicamente sociológico ou sociologicamente histórico, em que a sua personalidade teria funcionado, repetindo outras do mesmo tipo: a de português fidalgo em acção construtiva no trópico (FREYRE, 1968a, p. 99).

Adiante, reafirma, ainda de forma mais clara:

É talvez o que mais se deva distinguir na personalidade e na acção que Luiz desenvolveria [...]: o facto de nessa personalidade e nessa acção terem-se juntado a constantes de português velho assimilações de técnicas e saberes norte-europeus, novos e até novíssimos, por ele postos a serviço de vasta empresa luso-tropical, iniciada sob a mesma congregação de actividades: a militar, completada pela técnica; a religiosa, completada pela científica; a intuitiva, pela racional (FREYRE, 1968a, p. 127).

2. Micro e macro na sociologia: individualismo metodológico, redução e superveniência

A discussão que vimos empreendendo nos permite, agora, fazer uma relação com um tema aparentemente distante das preocupações freyrianas: a articulação entre os níveis micro e macro da explicação social. Em que medida podemos supor que existe, em Gilberto Freyre, um tipo de explicação dos fenômenos sociais que está relacionado a esse problema metodológico?

Podemos partir da perspectiva de um posicionamento metodologicamente individualista. O individualismo metodológico deve ser compreendido aqui em sua vertente explicativa, ou seja, uma forma de reducionismo, uma injunção para explicar fenômenos sociais complexos em termos de seus componentes individuais, tanto quanto a biologia tenta explicar os fenômenos celulares em termos dos seus componentes moleculares (ELSTER, 1983).

Este tipo de reducionismo levar-nos-ia a explicar fenômenos complexos de forma simples. O reducionismo, portanto, seria a mais importante estratégia da ciência, tendo levado ao surgimento de disciplinas como a biologia molecular e a físico-química. No entanto, no âmbito das ciências sociais, é preciso concordar com Jon Elster e admitir que estamos longe de uma psicologia social ou de uma sociologia psicológica que tenha conseguido efetuar uma redução completa. Não haveria objeções a essa redução, mesmo que, contemporaneamente, ela só possa ser parcial (ELSTER, 1983)¹³.

Uma outra linha de argumentação, proposta por Garfinkel e Papineau (*apud* BHARGAVA, 1992), pressupõe que as explicações macro e micro têm objetos diferentes. O princípio da microrredução – para cada objeto existem duas explicações, uma reduzida à outra – não é possível porque resultaria em

explicações não do mesmo objeto, mas de dois objetos completamente separados. Teríamos, portanto, duas explicações irreduzíveis, e a microrredução falharia. Esses autores não negam que os objetos têm microexplicações ou microfundamentos, mas defendem que as explicações no nível micro constroem seus objetos de forma diferente, não competindo, assim, com as explicações no nível macro. As microexplicações seriam incapazes, portanto, de ameaçar a autonomia das macroexplicações.

Bhargava (1992) chega a afirmar que uma visão pragmática nos mostra que uma explicação que postula uma relação entre fatos existentes completamente independentes dos indivíduos que os analisam não existe. A explicação tem um componente do qual não se pode escapar: é construída com propósitos epistêmicos específicos.

O argumento pragmático afirma que tanto o não-individualista quanto o individualista têm razão ao afirmar que as explicações causais são indispensáveis.

Outro tópico de especial relevância no debate sobre o Individualismo Metodológico, como projeto de redução, é a questão posta por Bhargava a respeito de indivíduos típicos ou efetivos (particulares) como unidades de redução de fenômenos sociais típicos ou efetivos.

Esse autor defende a idéia de que reduções devem envolver indivíduos típicos, não qualquer conjunto de indivíduos que, em algum momento, participam da construção de uma entidade social em questão. Todas as microrreduções estariam referidas a entidades típicas em diferentes níveis de generalidade e não diriam respeito a quaisquer entidades particulares que, em um determinado momento, constituem a macroentidade. Uma explicação em termos de tais entidades particulares, chamada de microexplicação, poderia ser válida, mas não seria uma microrredução.

Segundo Bhargava, a microrredução deve encerrar uma explicação em termos de indivíduos que conformam um fenômeno social típico e não envolve a explicação de entidades sociais particulares.

Tomemos um exemplo no campo das ciências naturais: a relação água-H₂O. Parte-se do suposto de que existem diferenças entre amostras específicas e amostras típicas de água. Qualquer amostra particular de água contém um grande número de impurezas. Então, uma amostra particular de água nunca poderá ser identificada com os constituintes “originais” da água. Se, analogamente, imaginamos todos os atributos contingentes dos indivíduos, um grande número de “impurezas” também ocorrerá. Então, a redução da entidade social para esses indivíduos efetivos poderá não funcionar nem ser desejável.

Uma objeção plausível a esta discussão é que, no mundo social, não existem dois indivíduos iguais, o que tornaria a redução, através de elementos típicos, aparentemente, problemática. Em outros termos, os componentes psicológicos dos indivíduos podem variar de uma forma que não seria captada pela atribuição de elementos psicológicos típicos (os microcomponentes) a eles. Assim, nas ciências sociais, esta diferença pode ser significativa, pois a substituição dos atributos “encontrados” pelos típicos pode mudar a identidade de um indivíduo humano. Haveria diferenças até entre um conjunto de propriedades típicas e todas as propriedades, as quais apenas de modo contingente pertencem a indivíduos.

À guisa de finalização deste tópico, nos parece útil inserir no debate o conceito de “superveniência”, como proposto por Little (1991). A idéia deste autor é que fenômenos sociais têm superveniência sobre as ações e as crenças individuais, permitindo-nos absorver a exigência de que os fenômenos sociais são completamente dependentes dos conjuntos de indivíduos,

sem os perigos da redução radical. Ao contrário da tese radical, podemos conviver com o fato de que os fenômenos sociais têm superveniência sobre os fenômenos individuais, mas isto não implica que os conceitos e as explicações sociais necessitam de redução a conceitos e explicações no âmbito individual, que transformem em exigência metodológica a redução, que é uma estratégia analítica, mas não exclusiva.

Essa breve discussão sobre o individualismo metodológico e alguns de seus desdobramentos – a redução, suas possibilidades e seus inconvenientes – deve ser conectada com a obra de Gilberto Freyre. É certo que sua obra é pródiga em utilizar as trajetórias de indivíduos concretos para ilustrar processos de mudança social: políticos, proprietários rurais, médicos, advogados, padres, jogadores de futebol etc. são elementos constituintes da narrativa analítica freyriana. Assim, a questão central que se anuncia é: em que medida a utilização de biografias e de trajetórias de vida individuais insinua uma posição metodologicamente individualista ou mesmo um projeto de redução? Ou haverá, meramente, a descrição de processos sociais “ilustrados” por trajetórias individuais, o que configuraria a aproximação com a idéia de superveniência proposta por Little? A utilização de indivíduos históricos concretos permite a afirmação de que a obra de Freyre tem a preocupação de fundamentar, no âmbito da ação individual, processos sociais mais amplos?

Tais questões servirão como referência para o desenvolvimento da análise que faremos de parte da obra de Gilberto Freyre referente ao futebol.

3. Os fenômenos macrossociais no futebol e os heróis futebolísticos de Gilberto Freyre

A análise sociológica de Freyre é pautada por uma recorrente operação metodológica, qual seja, a articulação dos processos sociais mais gerais com a

vida concreta de alguns personagens da história brasileira. Ora ele invoca a vida de Joaquim Nabuco, ora a do Pe. Ibiapina, ora a de outros personagens. No que se refere às suas teses mais gerais sobre o futebol, cita Leônidas, Garrincha e Pelé.

Freyre trata de um processo macrosociológico extremamente complexo dado o número – inferimos – de variáveis envolvidas. Note-se que é o próprio Freyre que, teórica e metodologicamente, aumenta a complexidade do problema ao chamar a atenção do leitor para os aspectos culturais e psicológicos, além dos fatores econômicos, envolvidos. Mesmo assim, sua análise indica uma passagem direta e imediata desse plano mais geral para a esfera da vida concreta: a do velho Félix Cavalcanti. Nesse sentido, parece haver a crença de que indivíduos concretos – não abstratos ou típicos – são portadores dos processos sociais. Em outras palavras, o processo social mais geral e, de certa forma, abstrato, que é a decadência do patriarcado rural, revela-se em sua inteireza na vida do patriarca decadente que foi o velho Félix. A transposição do nível macro para o nível micro é direta, sem intermediações. Porém, há de se atentar para o fato de que Freyre faz uma análise à parte de outros fenômenos sociais que, na realidade, estão subordinados ao processo macrosocial. Afirma nosso autor:

O regime de economia privada dos sobrados, em que se prolongou quanto pôde a antiga economia autônoma, patriarcal das casas-grandes, fez do problema do abastecimento de víveres e de alimentação das famílias ricas, um problema de solução doméstica ou particular [...] [foi] o caso de Félix Cavalcanti de Albuquerque (FREYRE, 1951, p. 363).

Embora formalmente subordinada ao processo de decadência da economia baseada no

patriarcalismo rural, a questão do abastecimento de víveres é tratada como um fenômeno em si. Se pensarmos no esquema:

processo macrosocial→**processo mesossocial**→**processo microsossocial**,

veremos que Freyre não trabalha dentro dessa lógica, mas de forma que os dois níveis de maior abrangência analítica, independentes entre si, são conectados às biografias de personagens concretos. A vida do velho Félix ilustra simultaneamente os processos meso e macrosociais sem que façam parte de uma operação teórico-metodológica, como ilustrado no fluxo macro-meso-micro aludido.

Um outro fenômeno interessante analisado por Freyre é o cenário cultural nesse período de transição tratado em *Sobrados e Mucambos*. No processo de decadência do patriarcalismo rural brasileiro, Freyre atribui um peso considerável ao fato de os valores dessa estrutura social começarem a se desagregar, graças ao surgimento de novos valores culturais, eminentemente urbanos, cultivados pelos novos bacharéis de formação cosmopolita, isto é, européia. Com efeito, Freyre acentua que a decadência do patriarcado rural não se deve somente à decadência de um tipo de economia baseada na escravidão, mas também ao crescimento dos centros urbanos e ao surgimento de uma classe burguesa, de novas profissões e da ascensão dos bacharéis, muitos deles mulatos. Como muitos desses novos personagens tiveram formação acadêmica em importantes universidades européias (Montpellier e Coimbra, principalmente), trouxeram consigo valores socioculturais correntes no cenário cultural europeu de então.

Assim é que muitos dos nossos literatos abraçaram os ideais românticos não apenas como valores estéticos, mas também como modo de vida – diz Freyre que o Pe. Gama se alarmava com a aparência doentia

dos jovens do seu tempo. Vários são os exemplos de escritores que morreram antes dos 25 anos – Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, entre outros, que tinham como ideal de vida uma certa morbidez por morrer jovem.

Concomitante a essa mudança de valores, se observam outros dois processos sociais em evidência: a ascensão do jovem bacharel e a do mulato. Muitas vezes, esses dois processos foram vividos pelo mesmo sujeito – jovem bacharel e mulato – que começa a ocupar o lugar dos mais velhos. Gradativamente, os novos bacharéis foram assumindo cargos importantes no aparato estatal (FREYRE, 1951, p. 240) ou mesmo o comando dos negócios dos patriarcas, através do casamento com as filhas desses senhores. Esses fenômenos sociais estão todos ligados e nada se fez sem atritos. Por mais longo e imperceptível que seja um processo de mudança social, na concepção de Freyre, este não se dá de forma suave e sem impacto na vida das pessoas envolvidas. Assim é que emerge da análise freyriana a idéia de que havia um certo desconforto psíquico, quase físico, por parte dos bacharéis, sobretudo dos bacharéis mulatos, alguns dos quais terminaram por aderir, explica Freyre, a movimentos revolucionários.

Em suma, temos aqui três fenômenos macrosociológicos: ascensão dos jovens bacharéis, ascensão de mulatos (processos de mobilidade social) e surgimento de um conjunto de valores culturais urbanos, baseado nos ideais românticos (processo de mudança cultural). Freyre os exemplifica fartamente com a descrição de diversas histórias de vida, mas, para alguns dos aspectos desses fenômenos, seu exemplo mais caro é o poeta Gonçalves Dias.

Com efeito, a vida ímpar de Gonçalves Dias serviu para que Freyre pudesse ilustrar, a um só tempo, esses fenômenos que, na sua avaliação, ocorreram

concomitantemente ao processo de decadência do patriarcalismo rural. Gonçalves Dias era – Freyre enfatiza várias vezes (FREYRE, 1951, pp. 240, 284, 975-976) – um bacharel mulato e poeta romântico que morreu aos 40 anos. Em outras palavras, Freyre opera mais uma vez o artifício teórico-metodológico que vimos anunciando neste trabalho: a ligação direta entre um ou mais fenômenos macrosociológicos e a trajetória singular de um determinado indivíduo.

Dito isto, é possível identificar, nos escritos de Gilberto Freyre sobre futebol, dois processos macrosociológicos, a saber: 1) o futebol permitiu a ascensão e a integração de negros e mulatos à sociedade brasileira; e 2) o futebol jogado no Brasil é *dionisíaco*, em oposição ao futebol praticado, por exemplo, na Inglaterra, que seria *apolíneo*¹³.

O primeiro fenômeno está obviamente ligado à tese mais geral de Freyre – exposta com maior clareza no capítulo XI “A ascensão do bacharel e do mulato”, de *Sobrados e Mucambos*, já detalhado acima.

Pois bem, embora não tenha tal visibilidade nem este grau de detalhamento, é possível localizar nos escritos de Freyre – escondida no meio da outra tese, sobre dionisíacos e apolíneos – argumento semelhante acerca da ascensão social de jogadores negros e mulatos na sociedade brasileira.

Freyre é quase que lacônico sobre isto, mas é possível inferir o processo social envolvido a partir da obra de Rodrigues Filho (2003), prefaciada pelo nosso autor. O futebol chegou aqui trazido por ingleses e brasileiros anglicizados e foi adotado pela elite brasileira. O jogo se desenvolveu sendo praticado, de forma amadora, por filhos de famílias ricas. Nossos primeiros times estavam ligados aos clubes desta elite. Neste contexto, não havia espaço para a gente pobre e negra. Os times aristocráticos recusavam-se a aceitar jogadores negros ou mesmo mulatos.

Gradativamente, começaram a surgir alguns times, principalmente ligados a fábricas, com jogadores negros e mulatos. Outros, como foi o caso do Vasco da Gama, ligado a comerciantes portugueses, usavam muitos jogadores negros. Com o sucesso destes times nos campeonatos regionais, houve a passagem, traumática, para o profissionalismo. Os times puderam, então, empregar jogadores pagos dedicados ao futebol.

Ao que parece, apesar de continuar a haver racismo, os jogadores negros eram cada vez mais admirados em campo (Cf, DaMATTA, 2006). Se até meados da década de 1960, os jogadores não faziam fortuna com o futebol, a partir daí começaram a fazer contratos mais vantajosos até chegar às cifras astronômicas recebidas por alguém como Ronaldinho Gaúcho.

Este processo todo levou, segundo Freyre, a uma maior integração do negro na sociedade brasileira e à sua maior aceitação pelos brancos, como é reconhecido pelo próprio autor, na 2ª edição, ampliada, de *Sobrados e Mucambos*, no capítulo intitulado “Em torno de uma sistemática da miscigenação no Brasil Patriarcal e Semipatriarcal”:

Observa-se, entretanto, nas gerações mais novas de brasileiros – gerações menos atingidas por aquela diferença de garantias sociais – a ascensão do mulato não só mais claro como mais escuro, entre os atletas, os nadadores, os jogadores de foot-ball, que são hoje, no Brasil, quase todos mestiços (FREYRE, 1951, p.1068).

Deve-se atentar para o fato de ser este um processo social extremamente amplo que perpassa décadas de nossa história. Porém, seguindo a operação teórico-metodológica já aludida, Gilberto Freyre o resume todo na figura de Pelé. Diz ele, em entrevista a Lenivaldo Aragão:

Eu acho que o futebol valorizou muito o negro. Você vê hoje Pelé disputado por brancas. Pelé hoje escolhe quem quiser entre brancas e grã-finas. Como é que se fez a carreira de Pelé? Fez-se através do heroísmo no futebol. Ele foi um herói do futebol brasileiro e conagraçou muito o brasileiro branco com o brasileiro de cor (Jornal do Commercio, 10/04/2000).

Apesar do primarismo do exemplo, não cabe nos objetivos deste artigo discuti-lo, mas tão somente chamar a atenção para o fato de Pelé ser tratado como ator sociológico ímpar. O camisa 10 santista não somente sintetizaria – para Freyre – todo o processo macrosociológico de integração do negro à sociedade brasileira, mas é, ele próprio, vetor principal de tal processo. Observe-se que se, nas suas primeiras obras, Freyre não se utiliza de heróis na sua sociologia histórica, como queria Skidmore, este trecho não deixa dúvidas com relação ao papel exercido por Pelé.

No que se refere ao segundo fenômeno macrosociológico, Gilberto Freyre aplica ao futebol a mesma tese mais geral através da qual pretende explicar o Brasil, qual seja, a de que uma civilização particular – a que se pode chamar de luso-tropical – aqui se desenvolveu a partir da confluência de três contribuições culturais distintas: a do português, a do negro e a do índio. A conjunção destas três culturas teria gerado uma certa disposição corporal propensa a uma certa flexibilidade de movimentos, a uma certa ginga etc.

Aplicada ao futebol, esta tese procura explicar o jeito brasileiro de jogar, voltado ao drible, à ginga, à firula, à dança etc. Na expressão de Freyre, uma forma dionisíaca de jogar, em oposição à forma apolínea européia (racional, metódica, planejada, angulosa) (Cf. FREYRE, 1938, 1947, 1951, 1955a, 1955b, 1974a, 1974b, 2000 e 2003; BARRETO, 2004b; DaMATTA,

2006, pp. 68-69, 83-84; MARANHÃO, 2006). Em artigo publicado pelo *Diário de Pernambuco*, em 30 de junho de 1974, durante a Copa do Mundo da Alemanha, Freyre resumiu este processo histórico:

No Brasil, o futebol começou como simples arremedo colonial do inglês e jogado principalmente por ingleses ainda meio vitorianos, desgarrados no trópico brasileiro; ou por jovens elegantes anglicizados no seu modo de ser esportivos. Apolíneos, portanto. Mas à medida que se desenvolveu, que se abrasilhou, que se tropicalizou, que adquiriu o ritmo de um novo tempo social, sem deixar, é claro, de ser futebol, tornou-se brasileiro. Vibrantemente brasileiro. Dionisíaco. Com alguma coisa de ágil nos seus passos de jogo como que afrobrasileiramente dançado. E assim se veio afirmando até tornar-se quase perfeito, no seu modo de ser ao mesmo tempo futebol e brasileiro¹⁴.

Esta mudança social, segundo a tese freyriana, se expressa a partir de três processos sociais: primeiro, um processo físico que se refere ao tamanho do pé dos negros e seus descendentes em contraposição ao dos brancos. Freyre afirma que, se comparados aos europeus em geral, os negros tinham pés menores e, portanto, mais ágeis. Isto teria permitido um maior controle da bola.

O pé caracteristicamente brasileiro pode-se entretanto dizer que continua, em largos trechos do país, o pé pequeno que o mulato tem certo garbo em contrastar com o grandalhão, do português, do inglês, no negro, do alemão. O pé ágil mas delicado do capoeira, do dançarino de samba, do jogador de foot-ball pela técnica brasileira antes de dança dionisíaca do que de jogo britanicamente apolíneo (FREYRE, 1951, p. 991).

Na linguagem contemporânea de DaMATTA (2006, p. 157):

O fato é que esse jogo britânico do ‘pé na bola’ foi interpretado no Brasil como a arte da ‘bola no pé’, o que mudou tudo. Num caso a bola é um atrapalho a ser rebatido, despachado ou chutado com o pé que, afinal foi feito para isso mesmo; no outro, entretanto, descobre-se uma afinidade inusitada entre o pé e a bola que agora tem com esse pedaço do corpo humano uma séria afinidade e uma atração que é uma das marcas mais importantes do futebol brasileiro.

O outro processo, intimamente ligado a este primeiro, diz respeito à capacidade que teria o brasileiro – aqui equacionado por Freyre com o negro/mulato [“Psychologicamente, ser brasileiro é ser mulato” (FREYRE, 1938)] – de, por causa de seu pé, transformar tudo em dança. Não em qualquer dança, mas na dança dionisíaca, pois como afirma o nosso autor:

Ocorre, é certo, a adaptação de danças e jogos importados de um tipo de cultura à configuração psico-social de tipo diverso. Mas sofrendo recriação ou deformação. O inglês dança a rumba, tornando-a antes apolínea que dionisíaca. O mestiço brasileiro, o baiano, o carioca, o mulato sacudido do litoral, joga um futebol que não é mais o jogo apolíneo dos britânicos mas uma quase dança dionisíaca (FREYRE, 1957, p. 393. grifos no original).¹⁵

Em outras palavras, se por sua formação, os britânicos tornam a rumba em uma dança apolínea, os brasileiros, dada a sua descendência africana, transformam a mesmíssima rumba em uma dança dionisíaca.

Processo semelhante se dá no futebol. Este

esporte bretão, jogado somente com os pés pelos britânicos, seria jogado no Brasil com todo o corpo – à exceção das mãos, naturalmente –, isto é, com a ginga da cintura (Cf, DaMATTA, 2006), o que permitiu o desenvolvimento de “um jogo inteiramente diferente”, na expressão de Aidan Hamilton (2001). No texto, já muitíssimo citado de 1938, Freyre define o fenômeno:

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dansa e de capoeiragem que marca o estylo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por elles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantissimo para os psychologos e os sociólogos o flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. Acaba de se definir de maneira inconfundível um estylo brasileiro de foot-ball; e esse estylo é mais uma expressão do nosso mulatismo agil em assimilar, dominar, amollecere em dansa, em curvas ou em musicas technicas europeas ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto; sejam ellas de jogo ou de architectura [...]” (FREYRE, 1938).¹⁶

Portanto – e aqui entra o terceiro processo –, os diversos africanismos que marcam a sociedade brasileira são sublimados e transformados na dança dionisíaca que é o nosso futebol.

Vamos dar o corte. Observemos a seguinte descrição:

(...) Acabo de assistir ao jogo dos brasileiros. Serão eles animais de cinco pernas? Não! Há entre eles um que tem seis. Refiro-me a Leônidas. Cabelos esticados,

pele escura como um grão de café torrado, pequeno de corpo. Mas sua vivacidade é verdadeiramente desconcertante, sua velocidade insuperável. O *comandante brasileiro avança como um raio, infiltra-se como uma flecha e lança bólidos contra o arco contrário*. Leônidas não pesa 60 quilos e pouco que seja atirado ao solo pelo inimigo. *Esse homem de borracha, na terra ou no ar, possui o dom diabólico de controlar a bola em qualquer posição*, desferindo chutes violentos – não importa de que forma – *quando menos se espera*. Numa partida, Leônidas deve beijar a grama uma vez por minuto. Mas não tem importância, pois quando se levanta, de um salto, está de novo pronto para a luta. E quando seus adversários pensam tê-lo dominado, *ele toma posição horizontal, os pés estendidos, qual uma flecha no ar. Nessa posição de fera atingida, vi Leônidas executar uma série de tesouras com as pernas, aproveitando um centro e golpeando a bola de costas para o gol*. Certamente, seus companheiros são grandes jogadores. Mas se tivessem esquecido Leônidas no Rio, nosso assombro hoje seria menor. Quando Leônidas faz um gol, pensa-se estar sonhando, esfregam-se os olhos. Leônidas é a magia negra! (Raymond Thourmagen *apud* RIBEIRO, 1999, p. 91. Grifos nossos).

Esta é a descrição entusiasmada do correspondente do *Paris Match* sobre a atuação de Leônidas na Copa do Mundo de 1938. Como se pode observar, vários trechos da sua descrição remetem diretamente a algumas das características do futebol brasileiro imortalizadas na obra de Gilberto Freyre, Mario Rodrigues Filho, Nelson Rodrigues, entre outros.

Sem o recurso da televisão, as pessoas dependiam de descrições como essas. E foi no calor do impacto do futebol brasileiro na França de 1938 que

Freyre escreveu o seu famoso “Football Mulato”. Para os nossos interesses neste trabalho, vale ressaltar que daí por diante, Freyre começa a fazer referência a Leônidas como o jogador que sintetizaria as qualidades do futebol brasileiro tal como pensado por ele. Nesta operação teórico-metodológica, Freyre aponta Leônidas como o ator que portaria – como o ‘velho’ Félix Cavalcanti no que respeita à decadência do patriarcalismo rural – as características do futebol brasileiro, como fica claro nas passagens que se seguem:

É curioso observar hoje – largos anos depois dos dias de repressão mais violenta a tais africanismos [o batuque, o samba, a capoeiragem etc] – que os descendentes dos bailarinos da navalha e da faca como que se vêm sublimando nos bailarinos da bola, isto é, da bola de *foot-ball*, do tipo dos nossos jogadores mais dionisíacos como o preto Leônidas [...] (FREYRE, 1951, pp. 881-882).

[...] O futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas [...] (FREYRE, 2003, p. 25).¹⁷

Vamos dar outro corte. Observemos a descrição do primeiro treino de Garrincha no Botafogo:

(...) Garrincha estava na cerca, esperando. A tarde caía, daqui a pouco o treino ia acabar. De repente, Gentil Cardoso se vira e chama-o:

- Você aí. Entre.

Garrincha entrou. A sorte dele foi a de que o beque que ia marcá-lo se chamava Nilton Santos. Garrincha pegou a bola, parou diante de Nilton Santos, as pernas tortas, fez que ia, não foi, foi.

Quem estava em General Severiano viu o que nunca esperava: um novato de pernas tortas, derrubar Nilton Santos num drible. Nilton Santos estava no chão, de pernas para o ar (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 310).

Ou estas outras passagens:

(...) Garrincha tinha sido barrado depois de um gol na Fiorentina [da Itália], o último de uma vitória de quatro a zero. Driblara toda a defesa italiana, inclusive o goleiro, o gol estava vazio, mas esperou que o beque voltasse para tirá-lo de debaixo dos três paus com outro drible. O beque saiu do gol, quando viu Garrincha entrando, de bola e tudo, quis voltar e bateu com a cara na trave (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 324).¹⁸

Gilberto Freyre, tendo lido a obra de Mario Filho e, certamente, visto pela televisão as jogadas de Garrincha¹⁹, estava ciente do tipo de jogador que ele era. Os dribles desconcertantes, a ginga, a dança diante dos zagueiros, os zagueiros no chão de pernas para o ar etc, impressionaram o nosso autor. Assim, mais do que Leônidas, Garrincha passa, para Freyre, a simbolizar toda a concepção de futebol brasileiro dionisíaco. Felizmente, Lenivaldo Aragão fez a pergunta crucial em uma entrevista publicada somente depois da morte de Freyre. Vale a pena reproduzir a seqüência na íntegra:

- **Qual a explicação para esse destaque do jogador negro? GF** – A grande explicação é que o brasileiro recebeu o jogo inglês chamado “foot-ball” e toda terminologia em língua inglesa. Depois é o que brasileiro abraçei. Mas o brasileiro não abraçou somente a terminologia. O brasileiro recriou o futebol,

e recriando o futebol, aproximou esse jogo – que para os ingleses era um jogo hirto, reto – de uma dança. O futebol brasileiro é realmente uma dança, com grande influência do samba. Você vê sua beleza, pois é um jogo que exercita muito a capacidade improvisadora do jogador. Vários especialistas, que às vezes têm tomado conta do futebol brasileiro e querem fazê-lo voltar a ser um jogo europeu, criticam seu estilo. Pra mim é uma virtude. O brasileiro adaptou o futebol à sua própria vocação para a dança, para o baile, para a agilidade nos pés e nas pernas.

- Haveria um jogador que sintetizasse todas essas tendências?

GF – *Quem eu creio que foi um grande acrobata, o que é até um paradoxo, já que ele era quase aleijado, foi Garrincha. Você vê que Garrincha tinha momentos em que dançava mais do que Pelé. E dançava com as pernas tortas. Ele tinha lances de bailarino, eu acho que ainda não houve uma justa avaliação de Garrincha. Acho que é preciso, que haja uma grande história do futebol brasileiro, escrita por alguém que saiba escrever literariamente, que entenda o jogo e que se informe sobre fatos históricos, sobretudo, sobre essa transição. Um jogo que começou elitista. Os rapazes ricos que iam à Europa trouxeram a novidade e só sabiam jogar imitando os ingleses, estes elitistas. Daí, o jogo numa transição magnífica que honra o Brasil, passa a ser um jogo quase contrário ao jogo originalmente inglês. Passa a ser um jogo de grande mobilidade. O jogo inglês é quase parado, paradoxalmente. Viva tantas combinações, que é um jogo de cooperação. Quase não admite a competição, enquanto o futebol brasileiro é competitivo e é aberto, permitindo improvisações. Com essa transformação, o*

vitorioso, o grande vencedor foi o Brasil, foi o povo brasileiro. É um jogo popular. Tudo está bem contido no caráter, no temperamento, nas vocações do brasileiro (FREYRE, 2000. Grifos nossos).

Porém, há de se acentuar aqui que a tese do Brasil dionisíaco versus Europa apolínea é um pouco mais complexa do que deixa antever a dicotomização referendada e difundida pelo próprio Freyre para realçar a sua visão.

É óbvio que nem todos os jogadores brasileiros tiveram ou têm a performance de Leônidas ou Garrincha. Consideremos o caso de Domingos da Guia:

(...) O caso se passou assim: num ataque uruguaio, a pelota que estava nos pés de Dorado adiantou-se. Domingos e o perigosíssimo ponta correram para sua conquista. Domingos conseguiu apossar-se da esfera. Mas a situação não se modificou nem assim; o perigo continuava. Como poderia o beque nacional devolver a bola a meio campo se o inimigo o perseguia implacável? Momento de indescritível emoção: silêncio impressionante. Foi então que, quase na linha de córner, Domingos praticou a jogada magistral: deu um 'dribbling' de corpo, fingindo que ia se encaminhar em direção ao arco de Velloso e, súbito, volveu para o lado contrário. Iludido, Dorado correu em sentido diverso ao que efetivamente o nosso craque seguiu...

Esta é a descrição de Rodrigues Filho, transcrita por Hamilton (2005, p. 74). Note-se que Domingos praticou um drible de corpo, comum, seguindo as concepções de Rodrigues Filho e de Gilberto Freyre, ao jeito brasileiro de jogar futebol. Porém, a sua elegância ao jogar talvez esteja descrita nas palavras de

Arthur Friedenreich, um dos maiores artilheiros brasileiros de todos os tempos, no *Jornal dos Sports* de 3 de maio de 1933:

Individualmente, jogávamos melhor há dez anos passados. Se digo isso não posso dizer: o futebol era mais eficiente. O padrão de jogo mudou. Domingos modificou, completamente, o jogo dos beques. Trouxe todas as virtudes de um ‘center-half’ para a zaga. Calmo, imperturbável, só intervém no momento preciso. O perigo se aproxima e ele conserva a mesma impassibilidade. Deixa que o adversário sonhe com um gol que não se realiza, porque ele vai agir (*apud* HAMILTON, 2005, p. 122).

A calma, a frieza, a impassibilidade de Domingos da Guia vão dominar as imagens perpetuadas do seu jeito de jogar. Dessa forma, Rodrigues Filho, sempre no seu estilo hiperbólico, vai comparar Domingos com Machado de Assis, como se fossem dois ingleses desterrados nos trópicos. Rodrigues Filho vai equalizar as qualidades do jogador e do escritor com qualidades tidas idealmente como o modo de ser inglês. Leiamos a sua análise:

Domingos gingava o corpo, mas não se desmanchando todo, como Leônidas. Dançando o samba, jogando futebol. A sobriedade de Domingos chocava como uma coisa vinda de fora. Da Inglaterra. Tanto que quando se queria dar uma idéia de Domingos vinha-se logo com futebol inglês. O futebol inglês como a gente imaginava. Pelas anedotas de inglês tão do gosto brasileiro. O inglês frio, incomovível. As anedotas de inglês sendo, para Domingos, o que Sterne foi para Machado de Assis. De uma certa forma, Domingos foi o Machado de Assis do futebol brasileiro. Inglês por fora, brasileiro por dentro. Sobretudo

carioca [...] (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 216-217).

Freyre aceita esta visão e procede a operação analítica que vimos mostrando aqui: Domingos da Guia se torna o modelo de jogador apolíneo entre dionisíacos. Assim é que no famoso prefácio à obra de Rodrigues Filho, ele escreve:

(...) A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro – um crítico da argúcia de Rodrigues Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais. Em moderna linguagem sociológica, na situação de um *apolíneo* entre *dionisíacos* (FREYRE, 2003, p. 25. Grifos no original).

Para finalizar esta seção, ressalte-se que – diferentemente do que ele faz em suas obras mais conhecidas –, nos seus escritos sociológicos sobre futebol, Freyre procede de uma forma a usar o nome de Leônidas no plural, metonimizado, para denotar que, embora este ator individual seja sujeito irreduzível, ele representa a síntese do modo dionisíaco do futebol brasileiro. É por isso que Freyre utiliza a expressão “os Leônidas” e se refere a este processo em pelo menos uma ocasião. Em 1955, em artigo para a revista *O Cruzeiro*, Freyre escreve o seguinte:

(...) Que significa ser um jôgo predominantemente individualista no seu estilo? Pura anarquia? O inteiro sacrifício do grupo aos caprichos dos indivíduos? De certo modo

não. Significa constante interação entre o esforço coletivo do grupo e as façanhas, as iniciativas, os próprios improvisos de indivíduos que, assim agindo, destacam-se como heróis, exibem-se, como bailarinos-mestres, acrescentam-se à rotina do jogo, não só em benefício próprio como em benefício do grupo. E o que fazem no futebol brasileiro os Leônidas que assim procedendo, procedem sob o impacto da herança africana de cultura, que tende a fazer dos jogos, danças e até bailados. Aquêles em que o indivíduo não se dissolve de todo no grupo, mas conserva certas e essenciais liberdades de expressão heróica e de exibição dramática (Freyre, 1955).

E encontra eco em Vilanova (1999, p. 128), que afirma:

[...] nisso reside seu [de Freyre] gosto pelo biográfico, sublinhando na personagem individual o ponto de intersecção das correntes de pensamento social, político, literário, ressaltando, dialeticamente, no indivíduo o social, e na dessubjetividade do social o indivíduo historicamente relevante.

Considerações finais

Afinal, podemos dizer que a redução é um procedimento metodológico utilizado na obra de Gilberto Freyre? Em outras palavras, os processos sociais complexos são explicados em termos dos seus componentes individuais? Mesmo se considerarmos as objeções de Little e Elster, de que não se pode encontrar leis nas ciências sociais, e ficarmos apenas com mecanismos como substitutos das leis, em Freyre, haveria uma conexão dos mecanismos no nível macro com mecanismos no nível micro? E, finalmente, se, em Freyre, os indivíduos que “exemplificam” os processos sociais não são indivíduos típicos, mas concretos,

inviabilizando a idéia de que a explicação em Freyre se assemelha à redução, podemos falar então de superveniência na obra deste autor?

Os argumentos desenvolvidos na parte 3 deste trabalho revelam como Freyre conecta processos macrossociais – como a transformação do futebol brasileiro de francamente inglês em dionisíaco e a integração social do negro à sociedade brasileira graças ao seu papel no futebol, a aceitarmos a sua visão – com figuras históricas: Leônidas, Garrincha e Pelé, respectivamente (mais Domingos da Guia, como que representando a sobrevivência de um estilo apolíneo em nosso futebol). Juntos, estes protagonistas da história do nosso futebol aparecem com freqüência na explicação freyriana do nosso “jogo inteiramente diferente”.

Freyre parece utilizar – de forma combinada, na tentativa de articular o nível mais abrangente de sua explicação a trajetórias de vida dos indivíduos tomados como exemplo – princípios que lembram ora um processo de redução mais rigoroso (fenômeno macrossingular – indivíduos típicos), ora uma articulação mais superficial das trajetórias particulares com fenômenos macrossociais aludidos (fenômenos sociais macroparticulares – indivíduos particulares). Contudo, certamente a inclinação freyriana por uma sociologia da biografia, aliada a uma despreocupação metodológica em termos dos cânones explicativos, parece indicar princípios que mais se aproximam de uma microexplicação de certa forma enfraquecida – em que os indivíduos típicos são apenas coadjuvantes, predominando as figuras históricas exemplares, quase que portadoras típicas dos processos sociais que o autor quer entender e explicar –, do que propriamente de uma microrredução, se seguirmos as distinções propostas por Rajeev Bhargava e apresentadas na parte 2 deste artigo.

Se, por um lado, a opção metodológica do autor perde em rigor analítico, por outro, as objeções que levantamos quanto à factibilidade de um projeto de redução radical como estratégia válida para as ciências sociais parecem legitimar, em algum grau, a escolha de Freyre por uma modalidade de associação entre processos sociais e indivíduos não-típicos, ou, em outros termos, biografias individuais. Essa posição daria conta das sutilezas e das nuances que a variação individual comporta, evitando a padronização que uma opção por indivíduos típicos carregaria. Ademais, em Freyre, a explicação sociológica é também histórica, contingencial. Nesse caso, nem os processos macrosociais seriam típicos.

Se o que dissemos acima é verdadeiro, e não temos efetivamente redução ao nível micro em Freyre, a idéia de superveniência, aqui proposta a partir de algumas das idéias de Little e Ryan, parece deixar um campo mais aberto para o enquadramento da explicação freyriana. Pois os microprocessos psicossociais específicos identificados nos inúmeros biografados de Gilberto Freyre podem articular-se, com menos problemas, aos mecanismos sociais mais amplos propostos pelo autor sem que, necessariamente, sejam os exemplares por excelência daqueles processos. A explicação dos “casos”, portanto, ilustra e exemplifica os “processos” sem, contudo, esgotá-los. Menos do que redução, a explicação em Freyre se configura como uma forma não-intencional de superveniência que, articulando os níveis macro e micro de uma forma relativamente frouxa, aponta, ainda que de maneira incipiente, para os temas da agência e da estrutura.

Notas

1 Este trabalho – no que se refere a problemas de teoria sociológica nele tratados, assim como muitas outras passagens – está baseado em artigo que publicamos na *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Aplicamos as idéias ali desenvolvidas à

análise que Gilberto Freyre produziu do futebol jogado no Brasil. **Agradecemos a Túlio V. Barreto** a cessão de cópias dos artigos que Gilberto Freyre publicou sobre futebol na imprensa. No que respeita à análise do material referente ao futebol, desenvolveu-se sob os auspícios de uma bolsa de produtividade concedida pelo CNPq.

- 2 O termo “homem de carne e osso”, correlato a “homem concreto”, sem qualquer conotação biológica, é largamente usado por vários comentaristas de Freyre (ver, por exemplo, AGUIAR, 1999), para acentuar o fato de que a concepção freyriana de homem não se reduz a tipologias sociologizantes.
- 3 A maior parte dos trabalhos sobre a obra de Freyre concentra a atenção nos processos sociais empíricos *em si*, mais do que na problematização acerca da construção de um modelo teórico-metodológico para a explicação freyriana.
- 4 Estamos atentos tanto às complexas relações que se estabelecem entre a perspectiva sociológica e a perspectiva histórica nas ciências sociais, quanto à relevância que esse tópico tem na obra de Gilberto Freyre, em especial.
- 5 Nas citações de Freyre, procuramos manter a grafia da época.
- 6 Ressalte-se, no entanto, que Freyre (1974b), em crônica acerca da derrota do Brasil frente à Holanda, em 1974, na Copa do Mundo da Alemanha, trata Johan Cruyff, craque holandês, como herói.
- 7 Cf. Freyre (1968a, p. 101), em que se pode observar claramente sua tese. Ver também a esse respeito, Bastos (1995, p. 71; 1999a, p. 320; 1999b, pp. 328, 335, 336-337, 345), entre outros.
- 8 Ressalte-se que Freyre também dedicou páginas a pessoas que ele admirava e que nada tinham a ver com o Brasil. Nesse caso, incluem-se, entre outros, o opúsculo sobre Walt Whitman, poeta que ele tanto admirava, e os capítulos sobre Amy Lowell e H.L. Mencken.
- 9 É nítida a proximidade entre o procedimento empático proposto por Freyre e aquilo que se convencionou chamar de método *Verstehen* nas ciências sociais.
- 10 A única edição brasileira, segundo dados da *home-page* da Fundação Gilberto Freyre, foi publicada em 1978 pela Fundação Cultural de Mato Grosso. A edição usada aqui é a portuguesa, publicada em 1968. Este livro, tal como *Um engenheiro francês no Brasil*, em sua segunda edição, é dividido em dois volumes, sendo o primeiro dedicado à análise do material por Freyre, e o segundo, às notas de um diário deixado por Luiz de Albuquerque.
- 11 O livro *Mozart: sociologia de um gênio*, de Norbert Elias (1995), é um exemplo de tratamento sociológico de uma biografia individual.
- 12 Há, curiosamente, uma aproximação aparentemente estra-

- nha entre as idéias de Elster e as percepções gerais de Gilberto Freyre acerca da necessária introdução de elementos psicológicos na explicação sociológica. No entanto, Freyre busca evitar a subordinação da sociologia à psicologia, propondo uma fundamentação antropológica e histórica da primeira, dada sua natureza de ciência da cultura. É possível também identificar uma clara afinidade – consciente ou não – de tais idéias com elementos da metodologia weberiana (cf. FREYRE, 1951b, pp. 49-51; 1957, pp. 234-235).
- 13 Excelentes fontes sobre o pensamento de Freyre acerca do futebol brasileiro são: Barreto (2004b), Maranhão (2006) e Wisnik (2008, Cap. 4, “Bola ao alto: interpretações do Brasil).
 - 14 É interessante ressaltar que Arthur Friedenreich, no *Jornal dos Sports*, de 3 de maio de 1933, fez a seguinte afirmação: “O nosso padrão, há dez anos, era clássico. O tempo tratou de eliminá-lo aos poucos. Agora está se formando um padrão brasileiro. *Jogávamos obedecendo aos cânones ingleses. A malícia dominou e há de existir um estágio do triunfo da malícia*” (apud HAMILTON, 2005, p. 122. Grifo nosso).
 - 15 Freyre (1947, pp. 172-3) expressa tese semelhante em outra de suas obras: “[...] Sugerir também um outro [estudo] em torno da maneira brasileira mais característica de jogar o *foot-ball*. O jogo brasileiro de *foot-ball* é como se fosse uma dança. Isto pela influência, certamente, dos brasileiros de sangue africano, ou que são marcadamente africanos na sua cultura: eles são os que tendem a reduzir tudo a dança – trabalho ou jogo –, tendência esta que parece se faz cada vez mais geral no Brasil, em vez de ficar somente característica de um grupo étnico ou regional”.
 - 16 Para Freyre, a característica brasileira de transformar tudo em dança tem raízes na nossa origem africana e é isto que ele encontra em Cabo Verde, em sua visita de 1953: “Alguns coisa no físico e alguma coisa na ternura de gestos, de palavras, de sorrisos. Alguns coisa no modo de falar, de cantar, de dançar e de jogar futebol: um jogo que é não apenas jogo mas também dança” (FREYRE, 1953).
 - 17 Importantes fontes adicionais sobre Leônidas são Ribeiro (1999) e Prado (1994).
 - 18 Em 1962, Rodrigues Filho continuava a fundir o futebol brasileiro com as habilidades de Garrincha: “Garrincha era aquele menino daquela história da carochinha que tinha visto o Rei nu. Aquele menino que vira o Rei nu era o jogador brasileiro capaz de descobrir caminhos nunca dantes percorridos para fazer um *goal*, para desmoronar tudo o que, durante quatro anos, o *football* do mundo arquitetara contra o *football* brasileiro. E aqueles rapazes, brancos, mulatos, pretos, que tinham conquistado o bi para o Brasil tinham vindo das entranhas do povo. Alguns sabiam apenas assinar o nome. Vendo-os em plena glória eu me sentia um deles. Eles representavam o que o Brasil tinha de melhor. Era bom ser brasileiro, porque o brasileiro era assim. O *football* era uma amostra. Nêle estava tudo o que havia de mais brasileiro. A ginga do samba, a agilidade do capoeira, o repentismo dos cantadores de viola, a boa conversa, a imaginação, a fantasia, a música, a dança”.
- 19 Outras excelentes fontes acerca de Garrincha são: Castro [2008 (1995)], Saldanha (2004) e Wisnik (2008, Cap. 3 “A elipse: o futebol brasileiro”.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Cláudio (1999). “O homem ‘intrahistórico’ em *Casa-grande & senzala*”, in QUINTAS, F. (org.), *A obra em tempos vários*. Recife: Massangana.
- ALBUQUERQUE, Roberto C. de (2000). *Gilberto Freyre e a invenção do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- ARAÚJO, Ricardo B. de (1994). *Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- BARRETO, Túlio V. (2004a), “Os diamantes são eternos”. *Jornal Folha de São Paulo* (Caderno *Mais!*), 1º de Fevereiro.
- _____. (2004b). “Gilberto Freyre e o futebol-arte”. *Revista USP*, 62: 233-238.
- BASTOS, Elide R. (1995). “Gilberto Freyre e as ciências sociais no Brasil”. *Revista Estudos de Sociologia* (Recife), 1 (1): 63-72.
- _____. (1999a). “Gilberto Freyre e o não europeísmo da sociedade ibérica”, in F. Quintas (org.), *A obra em tempos vários*. Recife: Massangana.
- _____. (1999b). “Gilberto Freyre e o pensamento hispânico”, in QUINTAS, F. (org.), *A obra em tempos vários*. Recife: Massangana.
- _____. (2000). “O tema da decadência em *Sobrados e mucambos*”, in MIRANDA, M. do C. T. de (org.), *Que somos nós? 60 anos de Sobrados e mucambos*. Recife: Massangana.
- _____. (2001). “Gilberto Freyre: *Casa-grande &*

- senzala”, in MOTA, L. D. (org.), *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*, 3ª edição. São Paulo: SENAC, v. 1.
- _____. (2002), “Gilberto Freyre: *Ordem e progresso*”, in MOTA, L. D. (org.), *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*, 2ª edição. São Paulo: SENAC, vol. 2.
- _____. (2003). *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Afonso El Bueno*. São Paulo: ANPOCS / Sumaré / Edusc.
- BHARGAVA, Rajeev (1992). *Individualism in social science*. Oxford: Clarendon Press.
- BOUDON, Raymond e BOURRICAUD, François (1993). *Dicionário crítico de sociologia*. Tradução: M. Leticia G. Alcoforado e Durval Ártico. São Paulo: Ática.
- CASTRO, Ruy. (2008 [1995]). *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras.
- COLEMAN, James S. (1987). “Microfoundations and macrosocial behavior”, in ALEXANDER, J. C. et al (org.), *The micro-macro link*. Londres: Berkeley, Los Angeles: University of California Press.
- DaMATTA, Roberto (2006). *A bola corre mais do que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DAVIDSON, Donald (1980). *Essays on actions and events*. Oxford: Oxford University Press.
- ELIAS, Norbert. (1995). *Mozart: sociologia de um gênio*. Tradução: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ELSTER, Jon (1983). *Explaining technical change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FARIA, Lina Rodrigues de (1998). “Histórias de vida: o pioneirismo de Gilberto Freyre”. **Sociedade e Estado**, 13 (2): 143-164.
- FRANZINI, Fábio (2000). “No campo das idéias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística”. *Efdeportes-Revista Digital*, 26 (www.efdeportes.com/efd26a/gfreyre.htm). Acesso em 30/10/2007).
- FREYRE, Gilberto. (1929). “Fair play”. **A Província**, 19 de Dezembro (publicado sob o pseudônimo de Jorge Rialto).
- _____. (1938). “Foot-ball mulato”. **Jornal Diário de Pernambuco**, 17 de Junho.
- _____. (1944). *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1947). *Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. Tradução: Olívio Montenegro. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1951) *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1953). “Um brasileiro em Cabo Verde”. **Revista O Cruzeiro**, 7 de Março.
- _____. (1955a). “A propósito de futebol brasileiro”. **Revista O Cruzeiro**, 18 de Junho.
- _____. (1955b). “Ainda a propósito de futebol brasileiro”. **Revista O Cruzeiro**, 25 de Junho.
- _____. (1957). *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1959a). *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre, aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da Monarquia para a República*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1959b). *O velho Félix e suas “Memórias de um Cavalcanti”*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1960). *Um engenheiro francês no Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1967). *Homem, cultura e tempo*. Lisboa: Casa Portuguesa.
- _____. (1968a). *Contribuição para uma sociologia*

- da biografia: o exemplo de Luís de Albuquerque, governador de Mato Grosso, no fim do século XVII.* Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- _____. (1968b). “Folclore e esporte”. **Brasil Açucareiro**, 72 (2): 24-25.
- _____. (1968c). *Oliveira Lima, Don Quixote gordo*. Recife: Editora da UFPE.
- _____. (1970). *O brasileiro como tipo nacional de homem situado no trópico e, na sua maioria, moreno: comentários em torno de um tema complexo*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura.
- _____. (1974a). “Futebol desbrasileirado”. **Jornal Diário de Pernambuco**, 30 de Junho.
- _____. (1974b). “A propósito da derrota do time brasileiro na Alemanha”. **Jornal Diário de Pernambuco**, 7 de Julho.
- _____. (1976). “Aspectos da influência africana no Brasil”. **Cultura - MEC**, 23: 6-19.
- _____. (1977). “A experiência afro-brasileira”. **O Correio da Unesco**, 5: 10, 13-18.
- _____. (1980). “Possibilidades esportivas dentro de tradições brasileiras”. **Jornal Folha de São Paulo**, 17 de Agosto.
- _____. (2000). “Batendo bola com o mestre: entrevista a Lenivaldo Aragão”. **Jornal do Commercio**, 10 de Abril.
- _____. (2003) “Prefácio à 1ª edição”, in Rodrigues Filho, *O negro no futebol brasileiro*, 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad.
- GOMES, Ivan Marcelo (2000). “Deus no céu e o negro na terra: a visão de Gilberto Freyre sobre o futebol brasileiro”. **Caos: revista eletrônica de Ciências Sociais**, 2 (www.cchla.ufpb.br/caos/02-gomes.html). Acesso em 30/10/2007).
- HAMILTON, Aidan (2001). *Um jogo inteiramente diferente! Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus.
- _____. (2005). *Domingos da Guia: o divino mestre*. Rio de Janeiro: Gryphus.
- HEDSTRÖM, Peter & SWEDBERG, Richard (orgs.) (1998). *Social mechanisms: an analytical approach to social theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LITTLE, Daniel (1991), *Varieties of social explanation*. Oxford, Westview Press.
- LOPES, José Sérgio Leite (1994). “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. **Revista USP**, 22: 64-83.
- LUKES, Steven (1970). “Methodological individualism reconsidered”, in D. Emmet e A. Macyntire (orgs.), *Sociological theory and philosophical analysis*. Londres: MacMillan.
- _____. (1973). *Individualism*. Oxford, Blackwell.
- MARANHÃO, Tiago (2006). “Apolíneos e dionisíacos: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do ‘povo brasileiro’”. **Revista Análise Social**, 179: 435-450.
- MORAIS, Jorge V. de & RATTON, José Luiz (2005). “Gilberto Freyre e a articulação micro e macro na sociologia”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 58: 129-144.
- MULHALL, Terry & MORAIS, Jorge Ventura de (1998). “Mapeando o Reino’ da sociologia histórica: reflexões acerca do modelo teórico-metodológico de Theda Skocpol”. *Bib*, 45: 25-50.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi (2003). “Ordem e progresso em Gilberto Freyre”, in E. V. Kosminsky et al (orgs.), *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo/Bauru: Unesp/Edusc.
- PALHARES-BURKE, M. Lúcia G. (2001). “Um método antimetódico: Werner Heisenberg e Gilberto Freyre”, in J. Falcão e R. M. B. de Araújo (orgs.), *O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Colégio do Brasil/UniverCidade/Fundação Roberto Marinho/Topbooks.
- PRADO, Décio de Almeida (1994). “Recordações

- de Leônidas (da Silva), o Inventor da Bicicleta Voadora”. **Revista USP**, 22: 27-29.
- RATTON JR., José Luiz de A. & MORAIS, Jorge Ventura de (2002). “O encontro de Jon Elster e Machado de Assis: racionalidade e emoções”. **Revista Ciência & Trópico**, 30 (2): 309-320.
- _____ (2003). “Para ler Jon Elster: limites e possibilidades da explicação por mecanismos nas ciências sociais”. **Revista Dados**, 46 (2): 385-410.
- RIBEIRO, André (1999). *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Gryphus.
- RODRIGUES FILHO, Mário (2003). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad.
- _____ (1962). “Copa do mundo, 62”. **Revista O Cruzeiro**.
- RYAN, Alan (1977). *A filosofia das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- SALDANHA, João (2004). *Histórias do futebol*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Revan.
- SAMARA, Eni de M. (2003). “Relendo os ‘clássicos’ e interpretando o Brasil: Freyre e os estudos de família”, in E. V. Kosminsky et al (orgs.), *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo/Bauru: Editora da Unesp/Edusc.
- SCHELLING, Thomas (1978). *Micromotives and macrobehavior*. Nova York: Norton.
- SKIDMORE, Thomas E. (2003). “Raízes de Gilberto Freyre”, in E. V. Kosminsky et al. (orgs.), *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo/Bauru: Editora da Unesp/Edusc.
- SOARES, Antonio Jorge (2003). “Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre”, in P. Alabarces (org.), *Fútbol, identidad y violencia em América Latina*. Buenos Aires: Clacso.
- SOUZA, Jessé (2003). “A atualidade de Gilberto Freyre”, in E. V. Kosminsky et al (orgs.), *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo/Bauru: Editora da Unesp/ Edusc.
- TUMBLETY, Joan (2008). “The soccer world cup of 1938: politics, spectacles, and la culture physique in interwar France”. **French Historical Studies**, 31 (1): 77-116.
- VILANOVA, Lourival (1999). “Gilberto Freyre – aspectos de sua obra: a sociologia como ciência cultural”, in F. Quintas (org.), *A obra em tempos vários*. Recife: Massangana.
- VILA NOVA, Sebastião (1995a). “Cultura e sociedade em Gilberto Freyre”, in M. C. de Andrade (org.), *Gilberto Freyre: pensamento e ação*. Recife: Massangana.
- _____ (1995b). “Gilberto Freyre: do pragmatismo à ‘Escola de Chicago’”. **Revista Estudos de Sociologia (Recife)**, 1 (1): 23-34.
- _____ (1995c). *Sociologias e pós-sociologia em Gilberto Freyre: algumas fontes e afinidades teóricas e metodológicas do seu pensamento*. Recife: Massangana.
- _____ (1999). “Pragmatismo, história e indivíduo em Casa-grande & senzala”, in F. Quintas (org.), *A obra em tempos vários*. Recife: Massangana.
- WISNIK, José Miguel (2008). *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

(Recebido para publicação em fevereiro de 2011. Aceito em abril/11).